

"AGORA O CORAÇÃO

TEM DE SER FORTE
E A CRIATURA,
CASTIGADA" TEXTOS
JORNALÍSTICOS
DE ANNEMARIE
SCHWARZENBACH
DE 1941-1942¹

Gonçalo Vilas-Boas
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Annemarie Schwarzenbach (AS no texto) escreveu muito durante os seus dois últimos anos de vida, se bem que quase tudo o que foi publicado até hoje é apenas matéria jornalística. Como já foi dito muitas vezes, há que distinguir entre os seus artigos de jornalismo cultural e a produção literária propriamente dita. Nesta última, AS dá livre curso ao seu Eu: são textos de forte cunho autobiográfico, como é possível detectar no fragmento de romance *Wunder des Baumes* (Milagre da árvore) ou no poema em prosa *Marc*, onde os protagonistas são *alter egos* da autora, embora em caso algum se possa falar de identificação plena, dado que estamos perante textos de ficção. Em contrapartida, nos textos para a imprensa ou de jornalismo cultural, a autora procura fornecer uma informação objectiva. Contudo, é legítimo afirmar que, em alguns desses textos, o elemento subjectivo passa a primeiro plano, mesmo não se tratando de ficção.

A propósito de alguns textos de jornalismo cultural que vieram a lume na imprensa suíça em 1941 (desde a expulsão de AS dos Estados Unidos em 1 de Fevereiro desse ano) e em 1942, tentarei, por um lado, ilustrar a continuidade estilística da autora neste tipo de textos e, por outro, verificar se as novas ideias, patentes nos seus escritos literários, ensaios e cartas, encontram eco nos textos destinados à imprensa.

Tendo em conta as biografias disponíveis, procurarei iluminar, de forma sucinta, os contextos subjectivos e colectivos.

>>

Textos e contextos são indissociáveis, na medida em que estes estão, directa ou indirectamente, incorporados na escrita dos primeiros.² Nesta relação, é importante ter sempre presente a biografia de AS, uma vez que as "vozes" do seu tempo chegaram até nós *filtradas* por ela, pela sua linguagem. É aqui que confluem os contextos subjectivos e colectivos.

O que levou AS a viajar? Muitos dos motivos são-nos revelados pelos seus biógrafos Dominique Laure Miermont, Areti Georgiadou, Charles Linsmayer, Roger Perret. AS foge da mãe, do lar, da Europa e, não em menor escala, de si própria. De AS poder-se-ia dizer o mesmo que Reif afirma no seu estudo sobre o exotismo nos relatos de viagem em princípios do séc. XX (aqui referido por Fell):

Die Hinwendung zum Fremden ist für ihn [Reif, GVB] mit einer Defiziterfahrung erklärbar. Die zunehmende Rationalisierung des Lebens in der westlichen Welt machte emotionale und sinnliche Weltaneignung immer schwieriger. Der Exotismus wird hier begriffen als eine der kulturellen Gegenreaktionen auf diese Veränderung der modernen Lebenswirklichkeit und steht damit in Verbindung mit anderen weltanschaulichen und ästhetischen Strömungen der Innerlichkeit. (Karolina Fell: 27)

[O recurso ao estranho é, no caso dele [Reif, GVB], explicável por um défice de vivências. A racionalização crescente da vida no mundo ocidental tornou cada vez mais difícil a apropriação emocional e sensorial do mundo. O exotismo é aqui entendido como uma das contra-reacções a essa alteração da moderna realidade da vida e, por esse facto, articula-se com outras correntes filosóficas e estéticas da interioridade].

No caso de AS, podemos interpretar a vontade de viajar como reacção ao clima intelectual que se vivia na Suíça.³ A "defesa intelectual do país" [*geistige Landesverteidigung*] dos anos 30 e 40 havia sido pensada como medida de protecção contra a "invasão" da Suíça por textos alemães de cunho nacional-socialista. Deste ponto de vista, os textos ficcionais de AS (tematizando-se a si própria com uma obsessão excessiva) não

podiam ser bem acolhidos; em contrapartida, a publicação em jornais de relatos de viagens era inofensiva, porque neles se lia sobretudo o factual e informativo, com ou sem a presença na escrita de outras dimensões.

Não se registam grandes diferenças na sua necessidade de viajar após a expulsão dos Estados Unidos. Não podia fixar-se na Suíça, por pressão da mãe, com medo de um eventual escândalo. Procuremos então nas biografias de Georgiadou e de Miermont se se pode falar de fuga ou se são verificáveis desvios na necessidade de viajar.

São conhecidos os problemas de AS na América. Para o que pretendo neste momento basta referir que, ao deixar Nova Iorque, a autora se encontrava num estado de grande vulnerabilidade. O relacionamento com os Mann nos EUA não foi o que ela esperava, mas, em compensação, conheceu Carson McCullers, com quem iniciou uma troca de correspondência que se prolongaria por uma fase posterior. AS tentou escrever para os jornais aproximadamente 30 textos, dos quais foram publicados cerca de 12.⁴ Merece especial destaque o texto *Die Schweiz, das Land das nicht zum Schuss kam* [A Suíça, o país que escapou ao tiroteio]⁵, onde faz comentários políticos acerca da neutralidade, texto que, considerado demasiado político, não foi publicado na altura. Pode-se constatar o estado de espírito da autora através das suas cartas, por exemplo a Ella Maillart: numa carta de Janeiro de 1941, fala de uma tendência para a auto-destruição, mas verifica-se também que se volta para si mesma e que, na sua busca de liberdade, começa a aceitar a vida. A 28 de Janeiro escreve a Klaus Mann, depois de se ter pronunciado sobre as suas tempestuosas relações amorosas e constatado que sempre fora dependente de outrem, que sempre vivera na expectativa de uma resposta dos outros: " – oder man muss einmal die absolute, die schwarze Stille empfinden, u. darin die eigene Kraft u. Unverletzlichkeit – " [" – ou então é preciso sentir alguma vez o negro silêncio absoluto e nele, a própria força e invulnerabilidade – "] (AS, 1993: 186). No ini-

>>

cio de 1941, em White Plains, onde tinha estado internada, AS já se encontra em condições de escrever alguma coisa e, segundo Miermont, chega mesmo aos dez artigos nos últimos dez dias da estada (sete serão publicados). A bordo do *Siboney*, continua a escrever. "Diese ungemein produktive journalistische Phase setzt sich bis in den Sommer 1942 fort." (Georgiadou, 1996: 210) ["Esta fase jornalística invulgarmente produtiva prolonga-se até ao Verão de 1942."] Depois, viaja até Lisboa, onde encontra o ministro suíço Henri Martin com quem trava conhecimento em Ancara. Este propõe-lhe escrever alguns artigos, estabelecendo os contactos necessários e apercebe-se de que, através da escrita, AS consegue superar as suas depressões. "Äußerlich zumindest wirkt Annemarie in diesen Monaten befreit" (Georgiadou, 1996: 210) ["Pelo menos na aparência, Annemarie dá uma impressão mais descontraída nestes últimos meses."] Entre Fevereiro e 7 de Abril, AS permanece em Lisboa; depois, viaja para Madrid e a Suíça, país que a família de AS gostaria que ela abandonasse. Entre outras coisas, a autora elabora o material sobre a viagem ao Afeganistão que fizera com Maillart e refaz textos que escreveu na América, como é o caso do artigo *Die zärtlichen Wege, unsere Einsamkeit* [Os caminhos ternos, a nossa solidão, não publicado, SLA], no qual evoca os momentos de desespero por que passou e onde são trabalhadas algumas ideias extraídas do romance *Das Glückliche Tal* [O Vale Feliz], por exemplo o diálogo com o anjo e a tematização da solidão. Está a caminho de aceitar a sua solidão, depois de os seus envolvimento afectivos terem soçobrado, devido ao seu carácter tempestuoso. Encontra-se agora livre de drogas, tal como escreve a Maillart a 23 de Julho de 1941. Nesta carta, escreve AS:

Je vais découvrir une partie du monde, et apprendre à vivre seul. (...) Aimer tout en acceptant la condition de notre solitude, se lançant de nouveau et encore et encore dans un élan amoureux envers le monde et l'être aimé, — accepter la douleur de notre condition sans nier que nous savons, profondé-

ment, notre amour désespéré, — et rester courageux. (SLA)
[Vou descobrir uma parte do mundo e aprender a viver sozinha. (...) Amarmos, aceitando embora a condição da nossa solidão, lançarmo-nos de novo, e mais uma vez, e ainda outra vez num ímpeto apaixonado em direcção ao mundo e ao ser amado, — aceitarmos a dor da nossa condição sem negar que sabemos, lá no fundo, do desespero do nosso amor — e mantermos a coragem.]

Parte para África (com escala em Lisboa). Agradou-lhe, ao que parece, o tempo passado nesta cidade. Parece que se sente melhor. A 2 de Agosto de 1941, escreve a Maillart que pretende: "écouter calmement la voix intérieur. (...) Et maintenant se fait l'unité entre ce que parle en moi, et le monde dehors" (SLA) ["escutar calmamente a voz interior. (...) E, agora, realiza-se a unidade entre o que fala em mim e o mundo lá fora."] Durante a viagem a África, escreve sobre as regiões que vai visitando e redige um diário de bordo em quatro partes.

Em África, sente que não é bem acolhida: suspeitam de espionagem. O que, para ela, representa uma grande desilusão, na medida em que alimentara esperanças de lutar contra os nazis, ao lado de De Gaulle. Sai da cena política e dirige-se para Molanda, uma roça no interior do Congo, pertença de uma família suíça. Com Frau Vivien, faz uma longa viagem de automóvel pelo coração da natureza africana. Essas experiências encontram expressão escrita no extenso texto *Beim Verlassen Afrikas* (Ao deixar África), escrito a bordo do navio português Quanza (14-30 de Março de 1942). A Natureza exerce, aqui e agora, um maior impacto sobre ela, do que outrora no Próximo Oriente, onde a "fuga" de AS assumira outros contornos. A partir deste momento, a sua filosofia de vida passa a estar muito ligada à natureza, é realmente preciso ouvir a música da Terra em movimento, como escreve a Carson McCullers, a 3.10.41. Estas ideias são sem dúvida influenciadas por Maillart: "Nul doute que cette philosophie personnelle n'ait été influencée par ce qu'Ella Maillart lui transmet dans ses lettres des leçons

reques auprès de ses maîtres en Inde" [É indubitável que esta filosofia pessoal foi influenciada por aquilo que, nas suas cartas, Ella Maillart lhe transmite acerca das lições aprendidas com mestres indianos] (Miermont: 350)

AS pretende deixar o Congo e trabalhar no Egipto como jornalista. Mas não lhe dão o visto necessário. A partir de Outubro de 1941 e até Fevereiro de 1942 trabalha na obra *Das Wunder des Baumes*, na qual se escreve a si própria, mau grado um enquadramento completamente ficcional. Infelizmente, este livro, que é a tentativa de dar voz literária à nova atitude de AS perante a vida, não chegou a ser terminado nem revisto. "Sie reflektiert vor allem über das eigene Befinden" (Georgiadou: 216) ["Mais do que tudo, ela reflecte sobre a sua própria disposição anímica"]

O papel da natureza, a empatia com o sofrimento de cada ser humano, a possibilidade de superação dos poderes terrenos, a busca da felicidade no interior de si mesma e não nos outros são algumas das ideias que nesta fase AS elabora para si (e para os leitores). É preciso não só oferecer resistência ao fascismo, mas também à vida falsa (vd. carta a Maillart de 18.3.42).

Estes apontamentos biográficos servem apenas para mostrar como, na prática, AS nunca suspendeu a actividade da escrita: foi a sua maneira de vencer as depressões, de se vencer a si própria. Neste sentido, a produção dos últimos dois anos não marca uma ruptura com a escrita anterior, sendo antes uma evolução tendo em conta os novos contextos.

Na análise de textos de viagem deste tipo, torna-se necessário fazer a distinção entre autor e escritor de viagens, pois este último é uma construção textual, "eine Figur im Text" (Opitz, 1997: 10) ["uma figura interior ao texto"]. O escritor de viagens, na maioria dos casos o *alter ego* do autor no texto, descreve o que vê. Acto que pressupõe o lado subjectivo do ver, na medida em que por detrás de uma perspectiva, há sempre uma

personalidade, uma subjectividade, mas também um contexto pessoal e colectivo. O vivido (*das Erlebte*) tem, assim, que ser "con-vertido" (*über-setzt*)⁶. Antes de iniciar a minha "viagem de leitura" através dos textos schwarzenbachianos de 1941 e 42, gostaria de me deter numa observação feita por Alfred Opitz no seu livro acerca de escritores de viagem:

Nicht eine individuelle, einmalige Reise wird verschriftlicht, sondern sprachliche Formen werden auf eine als authentisch ausgewiesene Reise geschickt. (Opitz, 1997: 221)

[Não se trata de passar à escrita uma viagem individual e única, mas de adequar formas linguísticas a uma viagem legitimada como autêntica.]

>>

Acresce ainda o género que funciona como sub-sistema literário e tem determinados pressupostos ou "regras" que influenciam quem escreve.

O que o escritor de viagens revela não se identifica necessariamente com o vivido pelo autor: trata-se de uma imagem filtrada, da ordem da palavra, e influenciada, em maior ou menor escala, pelo contexto literário (por exemplo pelas condições de publicação dos jornais onde aparecem muitos desses relatos, pela tradição do género, etc.) Por isso é legítimo falar da relevância dos contextos e intertextos da literatura de viagens. Mas trata-se também duma selecção de vivências (é frequente estes autores tomarem simples notas, a partir das quais se elaboram, já em casa, as versões finais dos textos). Pode-se aqui falar de delimitação (próprio/ alheio), de registo das diferenças (com ou sem avaliação), de comunicação daquilo que foi vivido enquanto experiência interessante, de paralelismos, de equiparação e comparação.⁷

Os viajantes querem registar as suas experiências. Mas com que finalidade? As razões variam de autor para autor. Pode-se afirmar com Ueckmann, "[d]ie Aufgabe von Reiseberichten ist es, das Wahrgenommene zwischen dem Hier und dem Anderswo jeweils zu verorten und zu differenzieren."

(Natascha Ueckmann, 2001: 51) ["a função dos relatos de viagem é, em dado momento, referenciar o que se observou entre o Aqui e o Alguém e fazer a distinção entre ambos"]

Quando se lêem textos de viagem em suplementos de jornal escritos por diferentes autores, é notório que as imagens de um país, de uma cidade, de um povo não se distinguem radicalmente umas das outras, ao contrário do construto linguístico. Desse construto faz parte a subjectividade do autor e também o seu representante no texto, a instância narrativa enquanto figura textual.

104>105

Escrever foi, para AS, uma primeira tentativa de emancipação. Sair de casa e viajar representaram outras tantas tentativas. Escrever é uma maneira de apreender realidade, tomar de facto o pé na realidade do seu "território"⁸.

Para ela, escrever era uma questão vital para não perder a realidade de si mesma; daí que o material de viagem (as realidades descritas e viajadas) só se torna relevante na medida em que lhe permite "conquistar" o mundo através da palavra. A palavra, porém, também tem de ser "conquistada". De Yverdon, em fins de Janeiro de 1939, AS escreve a Klaus Mann:

ich schreibe an einem sonderbaren Werkchen, und habe in meinem Leben noch nie so angestrengt gearbeitet (...) Ich schreibe morgens, mittags, abends, treibe nichts anderes, und bringe auf diese Weise täglich nur etwa zwei Seiten fertig. (AS, 1993: 172)

[Estou neste momento a escrever uma pequena obra insólita e nunca na minha vida trabalhei de forma tão esforçada. (...) Escrevo de manhã, de tarde e à noite; não faço mais nada e mesmo assim não produzo por dia senão cerca de duas páginas.]

Quando escreveu estas palavras, AS estava a fazer uma cura de desintoxicação: sentia-se fraca e as frases dão testemunho da sua luta com a língua e da sua consciência linguística. Muito tempo antes, por volta de 1925, escrevera a Ernst Merz nestes termos:

Es ist merkwürdig, dass ausser Ihnen niemand das in meinen Schriften versteht, was mir Freude macht: die Art, der Klang, die Schönheit des Wortes. Ich schreibe fast nie einer Idee zu Liebe, sondern ein irgendwann aufgetauchter Gedanke ist nur die Grundlage und gibt mir die Mittel, schreiben zu dürfen. Der Inhalt ergibt sich von selbst, aber zu schreiben, zu formen – langsam, gleichsam musizierend zu schreiben: Das gibt mir ein ungeheures Problem (*apud* Kurt Wanner/Marianne Breslauer, 1997: 12)

[É estranho que, além de si, ninguém compreenda, nos meus escritos, aquilo que me dá prazer: a forma, a sonoridade, a beleza da palavra. Quase nunca escrevo por amor a uma ideia, mas um pensamento que surge num qualquer momento apenas constitui a base e fornece o meio para poder escrever. O conteúdo produz-se espontaneamente, mas escrever, dar forma – escrever com lentidão, por assim dizer produzindo música – isso é para mim um enorme problema.]

>>

É evidente que isto se aplica mais às suas obras de ficção, mas também afecta as não-ficcionais, sobretudo aquelas onde a autora não se oculta por detrás da objectividade do que é descrito.

A estranheza não é apenas representada nas descrições de paisagens, mas também na relação entre a relatora de viagens e aquilo que é relatado. A estranheza é “um aspecto da nossa própria consciência” escreve Murath. E continua: “So ‘liest’ der Reisende fremde Landschaften und unbekannte Bräuche, indem er auf eigene Intertexte zurückgreift und diese neu kombinierend appliziert.” (Murath, 1995: 5) [“É assim que o viajante ‘lê’ paisagens estranhas e costumes desconhecidos: recupera intertextos próprios e aplica-os segundo uma nova combinatória.”] Isto significa que a matéria descrita é, a um tempo, auto e hetero-referencial. Auto-referencial porque, de uma forma ou de outra, o autor/ autora integra no texto o seu próprio sistema; hetero-referencial porque também existe uma referencialidade externa.

O elemento estranho despoleta a auto-reflexão em AS, porque a leva também a comparar o que vê com aquilo que

conhece. O ver/ vivenciar é, assim, um empreendimento múltiplo que posteriormente se vem a concretizar num texto acabado.

Efectuemos agora uma "viagem" através dos artigos publicados em jornais pela viajante A. Schwarzenbach, desde a sua chegada à Europa, em 1941: primeiro, a sua chegada a Portugal; depois, a viagem de barco para África; em terceiro lugar, a permanência no Congo; quarto, o regresso a Lisboa; quinto, a viagem a Marrocos.

1. Tendo já escrito sobre os textos portugueses de AS nou-
tro local,⁹ limito-me aqui a uma breve menção aos mesmos. Os primeiros artigos têm um cunho meramente jornalístico: abordam temas como a cidade de Lisboa, a Cruz Vermelha, o abastecimento da Suíça através de Portugal, a marinha suíça, a benção dos barcos bacalhoeiros, os motivos porque se encontram tão poucos passageiros a bordo do navio que vem dos EUA para a Europa. AS sente-se bem em Lisboa: o ministro Henri Martin ajuda-a a encontrar as fontes de informação "correctas", razão pela qual a autora se apoia essencialmente nelas, em vez de questionar o que lhes está por detrás, e se revela tão acrítica se compararmos estes textos com os artigos escritos nos EUA. Mas aqui é possível detectar uma atitude de princípio, segundo a qual AS se procura proteger da política real que vê como muito desumana. Em contrapartida, tem um olhar atento para a dimensão social. Esta atitude está patente desde sempre nos seus textos de jornalismo cultural. Daí que AS recorra a muita informação estereotipada acerca de Portugal e não se interrogue acerca das ligações fascistas do regime vigente, como é, por exemplo, o caso do artigo *Offener Himmel über Lissabon* [Céu aberto sobre Lisboa], onde escreve: "(...) unter dem demokratischen, jedoch autoritären und weisen Regime von Salazar, den man keinen 'Diktator', sondern eher einen 'demokratischen Vermeider der Diktatur' nennen kann." ["(...) sob o regime democrático, mau grado autoritário e prudente, de Salazar, que não se pode designar por 'ditador', mas antes 'alguém que, democraticamente,

impede a ditadura.””] É que, na Europa, Portugal constituía uma espécie de ilha de liberdade, mesmo que pobre e triste-nha, e uma ponte para os outros continentes, o que se pode verificar em inúmeros textos de autores e jornalistas oriundos dos diferentes países europeus envolvidos na 2ª Guerra Mundial.

AS fora bem acolhida e só estava de passagem. A 15 de Maio de 1945, escrevia a Anignia Godli:

Der Aufenthalt hier war so schön und befriedigend dass mir der Abschied schwer fällt. Ich bin ungemein verwöhnt worden, oft muss ich mich fragen, mit was ich soviel Zuneigung und Wärme verdient, die mir von allen Seiten entgegengebracht wird. (apud Willems, 1998: 247)

[A estada aqui foi tão agradável que me é penosa a despedida. Cumulam-me de atenções extraordinárias e muitas vezes vejo-me obrigada a perguntar o que me tornou merecedora de tanta cordialidade e afecto que me chegam de todos os lados.]

>>

Ou no artigo *Rückkehr nach Lissabon* [Regresso a Lisboa]: “Von allen Städten, die ich kenne, hat mich, als ich sie zum ersten Mal betrat, keine so gut empfangen wie Lissabon.” [“De todas as cidades que conheço, nenhuma me acolheu tão bem como Lisboa, da primeira vez que aqui vim.”]

A visão política sobre Portugal é ingénua, mas de modo algum – como já foi afirmado – apoiante do fascismo português; antes lhe passa ao lado como, aliás, aconteceu à maioria dos jornalistas que visitaram o país em inícios dos anos 40. Lisboa era vista nessa época como um “campo de refugiados” [Flüchtlingslager] (Erika Mann, 1991), “um porto de transbordo de pessoas” (Menschen-Umschlaghafen) (H.N.), “um paraíso triste” segundo Saint-Exupéry. Os estrangeiros da Europa estavam demasiado ocupados consigo próprios para se familiarizarem com a realidade oculta do país. De resto, a historiografia actual não encara o regime de Salazar como fascismo, mas sim como ditadura. As diferenças em relação a Hitler e Mussolini eram demasiado grandes.

AS apenas se encontrava em trânsito por Lisboa e queria ver os seus textos publicados. Por isso, tinha que se adaptar. A imprensa suíça, dizia um editorial do *Neue Zürcher Zeitung*, devia manter uma posição neutral e não tomar partido a favor ou contra uma das partes beligerantes. Só a neutralidade permite o equilíbrio.¹⁰ Uma comparação com outros jornalistas, por exemplo o famoso Dr. Hans Walter Hartmann do *Neue Zürcher Zeitung* (Maio, Junho e Julho de 1942), revela como existia um interesse pela figura de Salazar e pelo seu regime que conseguia defender os antigos valores europeus. Era frequente lerem-se palavras elogiosas em relação a Portugal e ao regime aí instalado. Salazar fora capaz de manter o "equilíbrio", colaborando com ambas as partes. Neste artigo, não se fala de fascismo. Mas o antifascismo de AS torna-se visível nas suas tomadas de posição em África. E também é curioso observar que muitas vezes — embora nem sempre — a autora assinala os seus elogios ao regime como citações directas ou indirectas das suas fontes.

Assim, a autora vive em Lisboa uma espécie de paz e alegria de viver: livre, pode escrever, tem apoios, o país agrada-lhe, como se pode ver, por exemplo, em *Lissabon. Neues Leben in einer alten Stadt*. [Lisboa. Vida nova numa cidade antiga.] Estabelece igualmente comparações com a antiga história portuguesa que está tão presente em muitos monumentos. O seu contentamento revela-se em alguns textos de carácter mais pessoal, nos quais descreve os seus passeios nos arredores de Lisboa. Impressionam-na, acima de tudo, a luz e o rio Tejo, largo e prateado, tal como a tantos outros visitantes da capital portuguesa.

2. Depois da segunda estada em Lisboa durante o ano de 1941, AS partiu para África, a bordo do Colonial, pequeno navio português. O ritmo intenso de escrita mantém-se, mesmo sabendo a autora que não pode enviar imediatamente estes artigos para a Suíça: o correio vindo de África segue percursos complicados. O primeiro artigo — *Funchal* — fora dedicado à ilha atlântica da Madeira: trata-se de um texto jornalístico de via-

gens, onde está patente o entusiasmo e a alegria de viver de AS. Entre o dia 21 e o dia 25 de Maio, redige um "diário de bordo" [Schiffstagebuch] em quatro partes. Dá informação acerca da viagem e dos passageiros que agora deixam a Europa para poderem alcançar outros destinos ou assumir os seus cargos nas colónias e também daqueles que preferiam que os seus filhos fossem educados nessas paragens em vez de o serem nas suas pátrias ocupadas. A situação política do mundo é, evidentemente, tema de discussões a bordo. AS critica aqueles que, de forma irresponsável, só pensam em si, nos seus privilégios privados e que arruinaram o liberalismo, esse tipo "incorrigível" de pessoas (III). Em contrapartida, preocupa- a "wie weit wohl die Kompromißbereitschaft des Menschen gehe" (I) [a que ponto vai realmente a capacidade de compromisso do ser humano] e elogia todos os que demonstram coragem nestes tempos difíceis. Ela própria parece resistir ao desânimo, mesmo quando se questiona: "Aber was will ich eigentlich?" (II) [Mas o que é que eu quero de facto?] Nesta pausa para recobrar alento, evoca as experiências passadas em Lisboa e no Funchal: "Ein so schönes Land, dessen Boden ich wirklich mit überschwenglicher Freude betrat (...)" (III) [Um país tão belo, cujo solo pisei com uma alegria transbordante (...)] Na última parte deste pequeno diário, nota que "in Portugal hatte ich den Eindruck, man sei im voraus resigniert" (IV) [em Portugal, tive a impressão de que as pessoas já se resignavam logo à partida], mas que aquelas que agora abandonam a Europa, não estão dispostas a entregar-se a um qualquer regime: arrogam-se o direito a ter opinião.

AS escreve artigos para diversos jornais, recorrendo, em parte, às mesmas informações. Em *Aequator* [Equador], retoma vivências da viagem ao longo de África, apreendidas menos como visão clara do que como sensação:

Das Schiff umschliesst unsere Existenz und setzt unseren
Lebensäusserrungen die Grenze, so wie immer unseren
Freiheiten durch ein streng gefügtes und in eine Bahn und

Richtung gewiesenes Schicksal ihre Grenze gesetzt ist.
[O navio abarca a nossa existência e delimita as nossas manifestações vitais, tal como sempre foi imposto um limite às nossas liberdades através de um destino rigidamente estabelecido e orientado segundo determinado percurso e direcção.]

110 > 111

Todos têm que tentar "dem Tod Tag für Tag neu entgegenzuleben" [viver a vida como um desafio à morte diariamente renovado]. A resistência do ser humano também é mais forte do que se possa pensar, "wir werden vielleicht bald jeden Schritt erkämpfen müssen, wie jetzt nur den tiefen Atemzug." [talvez tenhamos em breve que conquistar cada passo, como agora só acontece com o respirar fundo.] Ao mesmo tempo, vê que esta viagem "prepara o caminho para o interior". A 29 de Maio de 1941, AS escreveu um poema em prosa intitulado *Aequatornähe* [Proximidade do Equador, SLA], texto melancólico, mas de modo nenhum resignado, onde a autora se concentra mais no seu próprio Eu do que nos textos destinados aos jornais. AS quer alcançar a sua liberdade, ("Sich von dieser fürchterlichen Nüchternheit befreien" [libertar-se desta tremenda vulgaridade]); "Lasst mich, — Menschen, Menschen, Menschenkinder" [Deixem-me — homens, homens, filhos de homens]) e começa a abrir-se à ideia de ter que lutar sozinha pelo caminho que quer seguir.

3. Chegada a África, começam a surgir-lhe dificuldades e desfez-se a esperança de poder trabalhar na rádio. Apesar disso, escreveu alguns artigos que só mais tarde — em 1941 ou mesmo em 1942 — puderam ser publicados. A 9 de Junho de 1941, AS escreve *Irgendwo in Französisch-Westafrika* [Algures na África Ocidental Francesa], onde mostra compreensão perante o necessário condicionamento da liberdade de imprensa em tempos como esse. Defende aqui igualmente a ideia de que as colónias em África adquirem uma importância acrescida, agora que estão isoladas das respectivas pátrias e são forçadas a encontrar o seu próprio caminho, tal como AS também escrevera em *Der belgische Kongo und der Krieg* (O Congo Belga e a

Guerra). Mais subjectivo é o artigo *Begegnung mit dem Dschungel* [Encontro com a Selva], que AS escreve em Lisala, a caminho da roça de Mondala: "Ich dachte, dass man, um hier zu bestehen, wohl den Kampf mit dem Wald aufnehmen müsste, sozusagen einen Kampf mit den Elementen, einen ursprünglichen Kampf um die Existenz." [Pensei que para subsistir nestas paragens era certamente preciso empreender uma luta contra a floresta, por assim dizer, uma luta contra os elementos, uma luta primitiva pela existência.] A Natureza é tão poderosa que pode representar uma ameaça. AS sonha que abre clareiras na floresta virgem para poder calcular o espaço! Os brancos reagem fechando-se à chave, mal saindo das suas casas, refugian-do-se nos velhos hábitos quotidianos trazidos da Europa. Finalmente, chega a Mondala, a 250 km de Lisala que, por seu lado, ficava a sete dias de viagem fluvial a partir de Léopoldville. Mas "[d]er Anblick ist wunderbar" [a vista era maravilhosa]. AS escreve igualmente um "Pequeno Diário do Congo" [Kleines Kongo-Tagebuch], onde relata a sua vida em Léo(poldville), as suas visitas a Brazzaville, a saudade de locais anteriormente visitados. Tem que deixar Léopoldville:

>>

Ich freute mich überhaupt auf nichts, und es war doch meine Arbeit, das Innere der Länder kennenzulernen und sie aufrichtig zu lieben, um sie für andere Menschen beschreiben zu können. (Kleines Kongo-Tagebuch I)¹¹

[Nada me dava qualquer alegria, mas era o meu trabalho conhecer o interior dos países e amá-los sinceramente, para poder descrevê-los a outras pessoas! (itálico meu, GVB)]

Esta afirmação encerra a motivação não ficcional de AS, aquilo que a leva a escrever. Vê como condição para a sua escrita amar os países por onde viaja, encetar uma espécie de "relacionamento" com eles, de modo a que o que escreve seja sincero.

O Congo é um dos maiores rios do mundo: atravessa a floresta virgem e uma pessoa deixa de ver seja o que for: "Das Herz stand mir still" [O meu coração parou]. A viajante continua:

Denn dieses Ich der nächsten Stunde, das mir immer fremd ist, von dem ich weiß, was es auf sich nehmen wird ohne Schaden zu erleiden (...) [J]etzt hatte ich es wieder erkannt und erprobt, daß dieses Leben keinen Magien gehört, sondern daß es sucht und liebt und also ein Ziel und Ende kennt und Kräfte der Freiheit, um sich tapfer zu behaupten. (Kleines Kongo-Tagebuch II)

[Porque este Eu da hora que se segue que me é sempre estranho e do qual sei o que irá assumir sem sofrer danos (...) Agora voltei a reconhecer e testar que esta vida não pertence a quaisquer mundos mágicos, mas busca e ama e portanto conhece um objectivo e um fim e as forças da liberdade para se afirmar com ousadia.]

112>113

Recorrendo a uma linguagem viva e plástica, AS traz até aos leitores as suas experiências na roça, cercada pela floresta virgem, onde o horizonte é exclusivamente constituído por árvores.

É interessante notar que, em AS, os negros só aparecem marginalmente, tal como nos textos sobre o Médio-Oriente, os árabes raramente têm a palavra; pertencem, por assim dizer, à paisagem, são criados dos brancos. A autora não se libertou do discurso do colonialismo branco, em parte representando inconscientemente as ideias do "orientalismo". O eurocentrismo nunca a abandonará, irá sempre co-determinar a sua visão do que é diferente, o Outro, mesmo quando está aberta ao novo, a uma realidade diversa.

4. AS regressa à Europa a bordo do *Quanza*, fazendo novamente escala em Lisboa. Tinha embarcado em Luanda, uma cidade muito portuguesa em Angola, onde os brancos eram não apenas funcionários pensando exclusivamente no regresso, mas também cidadãos aí normalmente domiciliados: "Für die Portugiesen waren das afrikanische Luanda und das europäische Lissabon doch beinahe Nachbarstädte" [Mas para os portugueses, a Luanda africana e a Lisboa europeia eram realmente quase cidades vizinhas], escreve AS em *Ein Schiff aus Afrika* [Um barco vindo de África]. Os passageiros regressam à

Europa por variadíssimos motivos, inclusive aqueles que embarcaram em Freetown, na Serra Leoa. Foi aí que, pela primeira vez ao longo da viagem, ela fez a experiência de viver num mundo em guerra, apesar da aparente humanidade dos militares britânicos embarcados nesse porto. A autora pergunta-se em *Zwischen Afrika und Europa* [Entre a África e a Europa] se se teria aprendido,

daß die Begriffe des Krieges von Freund und Feind nichts sind, verglichen mit den schlichten und starken, ewigen Gefühlen, die wir alle teilen und die uns zu Brüdern machen? [que os conceitos, em tempo de guerra, de amigo e inimigo nada representam, comparados com os simples, fortes e eternos sentimentos de que todos partilhamos e nos irmanam?]

>>

Na realidade, esta posição idealista não é nova: para AS, o mundo não era a preto-e-branco e, por esse motivo, tomar uma posição tornava-se complicado para a autora.

O seu amor ao mundo português encontra uma bela expressão em *Kleine Reise unter der Flagge Portugals* [Pequena viagem sob o pavilhão de Portugal], onde AS reafirma o seu posicionamento perante o regime português (que voltará a afirmar noutros artigos), uma vez que nele identifica atitudes a favor da paz e a defesa da herança europeia. Em 1942, são publicados nove artigos sobre Portugal, onde mistura elementos jornalísticos com aspectos que caracterizam os suplementos de viagens. Os artigos, redigidos sob uma perspectiva subjectiva, versando sobretudo passeios em Lisboa e arredores deixam transparecer uma atitude mais tranquila do que a do ano anterior. Na verdade, trata-se de um regresso, de um encontro com o já conhecido: "Wir müssen uns, um uns wiederzufinden, an etwas Verwandtes und Vertrautes erinnern, so wie man in einen Spiegel schaut." ("Wiedersehen mit Portugal") [Para nos reencontrarmos a nós próprios, temos de recordar qualquer coisa que nos é afim e familiar, tal como acontece quando nos vemos ao espelho.] [(Portugal Revisitado)]. Desta maneira,

para AS, a experiência revivida faz parte do sentir-se em casa. Na sua visão sobremaneira idílica, a autora interroga-se: "Was brauchen wir zum Leben?" ("Spaziergang in Portugal") [De que precisamos para viver?] [(Passeio em Portugal)]. Isto é uma afirmação da vida simples, agora que AS já não se encontra em fuga, mas em busca de uma missão.

5. Passando por Espanha, AS viaja para Marrocos, onde o marido, Claude Clarac, ocupa um posto consular. A travessia aérea, descreve-a a autora em *Flug nach Marokko* [Travessia aérea para Marrocos], texto dactilografado ainda não publicado e datado de 29 de Maio de 42. Levanta voo de um campo de aviação em Sintra e evoca as diversas etapas da sua vida, o que, aliás, e como já vimos, é agora prática frequente. O planalto espanhol surgiu-lhe "ernst, einsam und karg [...] gelbe, fast farblose Weite" [austero, solitário, despojado (...), esta extensão amarelada, quase destituída de cor]. E então, finalmente, o aeródromo de Tânger. Volta a ouvir a língua árabe, recorda as suas viagens ao Médio Oriente. A luz deslumbra-a: "nicht so leuchtend und golden in Portugal, nicht so weich und flutend in Asien, nicht so reich und besänftigend unten im Herzen Afrikas." [nem em Portugal, tão brilhante e dourada; nem na Ásia, tão suave e ondulante; nem lá em baixo, no coração de África, tão pujante e tranquilizadora.] Estava contente: "Es war, als müsse man dieses Bild umarmen, als werde man davon umarmt und gewiegt und getragen." [Era como se tivéssemos de abraçar esta imagem, como se fôssemos abraçados, embalados e sustidos por ela.] Neste país, AS redigiu alguns artigos que rapidamente foram publicados na Suíça: *Marokkanische Erntezeit* [Tempo de colheita em Marrocos] foi escrito a 4 de Junho e duas semanas mais tarde já tinha vindo a público. Três quartos do artigo são pensamentos sobre o viajar numa era atribulada, em que os seres humanos desaprenderam "die Sprache ihrer Mitmenschen, den Duft der Wiesenblumen, den Lerchenklang und die Kirchenglocken in ihrem Dorf zu erken-

nen [verlernt hatten]” [a reconhecer a língua do próximo, o aroma das flores campestres, o canto da cotovia e o som dos sinos na aldeia natal]. Viajar não tornou as pessoas mais felizes, não as aproximou umas das outras — lamenta AS — não se reconhece no Outro o irmão, depressa se esqueceu a solidariedade neste “Schlachtfeld” [campo de batalha]. Imensamente serena, avança então para o tema anunciado no título: a bela perspectiva dos campos, o trabalho da colheita. Tudo é “so fremd, so merkwürdig nahe” [tão estranho, tão curiosamente próximo]. Numa linguagem muito significativa, descreve o que vê, tudo encabeçado por verbos como “luzir”, “cantar”, “ouvir”, “cheirar”. A lentidão e a tranquilidade espelham-se na sintaxe, não só mediante o encadeamento de imagens, mas também através de estruturas paratáticas e da qualidade sonora das palavras, como é, por exemplo, visível nesta frase:

>>

Und Reiter und hochbeladene Wagen und Rinder und
Scharfherden ziehen diesen Landstrassen entlang, im Glanz
der Dämmerung satt wie Sammet und leuchtend wie Gold.
[E homens a cavalo e carros atulhados e bois e rebanhos de
ovelhas caminham por estas estradas ao brilho do poente,
com a veemência do veludo e o fulgor do ouro.]

No artigo *Eine Mondnacht in der Schellah* [Uma noite de luar na Chela], após algumas considerações acerca de noites enluaradas já vividas noutras paragens, descreve uma noite de luar com os peregrinos na necrópole dos sultões merínidas, de onde desfruta uma vista maravilhosa e tranquila da paisagem. Em *Spanische Zone* [Zona espanhola], estabelece paralelos com a África Negra: aqui tudo é mais afável, há vontade de fazer coisas, de cultivar os campos, as árvores dão-nos frutos e sombra. Ela quer aprender com a Natureza e sente-se bem aqui, neste país que tem muito da Europa meridional:

Und so sanft ist hier, an der Meerscheide und Brücke der
Kontinente, des Himmels hohe Laune, daß er den Tag ver-

längert und den Abend mit einem Mantel aus Sammet und Gold umkleidet.

[E tão brando é este local debruando o mar e fazendo a ponte entre continentes, tão grande a jovialidade do céu que prolonga o dia e reveste a noite com um manto de veludo e ouro.]

Em *Die Stadt der Quellen und Winde* [A cidade das fontes e dos ventos], dá-nos uma visão muito própria da vida em Tetuão. Ao contrário de outros artigos, não há aqui uma presença directa do “Eu”; mas, indirectamente, ela marca sem dúvida a forma como é descrita a paisagem e os habitantes da cidade marroquina, articulados com as fontes e os ventos que participam na configuração das suas gentes e constituem igualmente a linha condutora do texto.

Nestes artigos, sobretudo nos de 1942, é possível detectar uma atitude narrativa mais serena. Além disso, a sua linguagem denota riqueza de adjectivação, permitindo-lhe a expressão de uma visão matizada. Já não se trata de uma magia dos nomes, como aquando da viagem com Maillart. Daqui em diante, os nomes são relevantes — como em todos os relatos de viagem — enquanto pontos de orientação, âncoras presentes, tanto na realidade como nos textos jornalísticos. A escritora de viagens, que voltamos a encontrar nos textos, procura muitas vezes não se afastar das experiências da autora.

Desde a sua estada em África, AS dedica uma atenção especial, como escreve numa carta a Ella Maillart de 1 de Fevereiro de 1942, ao seu *travail intérieur* e dá-se conta de que “[m]on expérience d’Afrique m’a appris plus clairement que tous mes autres ‘bas’ la futilité du monde extérieur, la fausse ‘réalité’”. [a minha experiência africana ensinou-me mais claramente do que todas as minhas outras “depressões” a futilidade do mundo exterior, a falsa “realidade”.]

E continua: “Ayant renoncé à la fausse lutte, j’ai trouvé la solitude ici — et les sources de force.” [tendo renunciado à falsa luta, encontrei aqui a solidão — e as fontes da força.]

Já não parece encontrar-se em fuga, mesmo se, daqui em

diante vá estar permanentemente em viagem: a este propósito, a sua atitude modificou-se. E apesar de falar muito de si nas suas cartas, já não encontramos tanto o ser que sofre consigo mesmo, mas alguém que aprendeu a sofrer também com o mundo. Esta atitude está igualmente patente em *Wunder des Baumes* [Milagre da árvore], onde a autora procura descobrir o mundo interior e seguir o processo interno da metamorfose da figura principal, Marcos. Esta "nova" atitude transparece, de forma subtil, nos seus textos de jornalismo cultural, sobretudo na forma como a escritora de viagens aborda as paisagens, o tempo, as pessoas.

>>

A 18 de Março de 1942, escreve a Maillart:

I want to understand the deep roots of our European crisis, and want to search for the source of real force we will need, during and after this terrific war, to build up in each soul the resistance not only against Fascism, but against all evil and "wrong life" which has brought it upon. (...) To create what we love — like pure music f.i. — and I want to do all I can, within my capacities, to build up this dignified and beautiful aspect of the human soul.

[Quero compreender as raízes profundas da nossa crise europeia e quero procurar a fonte da força efectiva de que necessitamos, durante e após esta terrível guerra, para construir em cada alma a resistência, não apenas contra o fascismo, mas contra toda a "vida errada" e nociva que ele provocou. (...) Criar o que amamos — como pura música f.i. — e quero fazer tudo o que puder, dentro das minhas capacidades, para construir este aspecto digno e belo da alma humana.]

AS quis sempre combater o fascismo hitleriano. Só agora parece ter conseguido encontrar a atitude e forma "adequadas" a esse combate.

Mesmo que se possa considerar a viagem com Maillart como uma derrota pessoal — mau grado a qualidade superlativa, em termos literários, dos suplementos jornalísticos sobre viagens que daí resultaram¹² — a viagem a África (também "na companhia de" Maillart mas, desta vez, só através de cartas,

cheias de conselhos e ideias) representa para AS uma vitória sobre o *lower self*. O caminho de Nova Iorque até Sils, passando por Lisboa e o Congo é um caminho que conduz a si própria. Esta atitude transformadora implica forçosamente a presença de ressonâncias a nível dos textos.

<<

NOTAS

[1] Este trabalho foi financiado pela FCT (Programa POCTI), no âmbito das actividades do projecto de investigação "Interidentidades" realizado pelo "Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa" da Faculdade de Letras do Porto.

Expresso aqui os meus agradecimentos à colega Susanne Munz pelo seu apoio e sugestões. A parte teórica deste ensaio inspirou-se, em parte, no meu artigo "Ein fremder Blick durch Sprache. Über Annemarie Schwarzenbachs Reiseberichte aus Vorderasien", in Hugh Ridley e Wolf Wucherpfennig (ed.) *Erinnerungen mit Menschen. Texte für Christa Grimm aus dem Umfeld ihrer internationalen Arbeit*. Nas citações no original, mantenho a ortografia de Schwarzenbach. As citações foram traduzidas por Maria Antónia Amarante. Os textos e cartas de AS não publicados encontram-se no Schweizerisches Literaturarchiv, em Berna (SLA, no texto).

[2] Vide Kovala que fala da "essential inseparability of text and context" [inseparabilidade essencial de texto e contexto]. Refere, além disso, a "embeddedness of texts and contexts on various levels" [implantação de textos e contextos a vários níveis]: em consequência "the need to analyse text-context relations in textual analysis as well" [a necessidade de analisar igualmente as relações texto-contexto na análise textual] (Urpo Kovala, 2001: 155 e 78).

[3] A este propósito escreve Georgiadou: "Através da viagem ao Oriente, Annemarie Schwarzenbach distanciou-se, aliás, ainda mais da situação política na Europa e a vida na Suíça natal parece-lhe igualmente irreal e destituída de um sentido mais profundo." (Areti Georgiadou, 1996: 128).

[4] Vide Dominique Laure Miermont, 2004: 324.

[5] Publicado pela primeira vez em alemão na revista *Der Alltag* (nº 2/ 1987, pp. 17-22). O editor da revista informa que uma versão inglesa talvez tenha sido publicada no *Washington Post* ou como capítulo de um livro nos EUA.

[6] Opitz escreve a propósito da obra de Elias Canetti *Stimmen von Marrakesch* algo que é válido em geral para a literatura de viagens: "Daí a inevitável 'con-versão' [*Übersetzung*]: da contingência no sentido, do sentido na língua." (Opitz, 1997: 15).

[7] Vide Stefan Deeg, 1992: 172.

[8] Vide Anne-Marie Heintz-Gresser, RUNA, 28/1999/2000: 257. Também Roger Perret utiliza a palavra "território": "Das Territorium, das man mit dem Schreiben erschaffen hat, kann auch nicht weggenommen werden" (no posfácio a *Lyrische Novelle*: 114) [O território que foi criado através da escrita também não pode ser confiscado]. Em Rohlf, encontramos no Capítulo n.º 8 o tema "Territórios e Desterritorialização" (Sabine Rohlf, 2001: 310-321).

[9] "Offener Himmel über Lissabon. Annemarie Schwarzenbach in Portugal 1941, 1942", in Elvira Willems (Hg.), 1995, pp. 169-184. Em português: "Um olhar suíço sobre Portugal. Annemarie Schwarzenbach em Lisboa em 1941 e 1942", in *Annemarie Schwarzenbach em Portugal* (1941, 1942), introd. e coord. GVB, Coimbra, cadernos do cieq, 2004, 7-39.

[10] "Die schweizerische Presse in der Kriegszeit" [A imprensa suíça em tempo de guerra]. *Neue Zürcher Zeitung*, 17 de Janeiro de 1941.

[11] *National-Zeitung*, 13 de Abril. Também em Dieterle/ Perret, p.306.

[12] Uma selecção destes textos foi publicada por Roger Perret (2000) em *Alle Wege sind offen. Die Reise nach Afghanistan 1939/ 1940*, Basel, Lenos.

>>

BIBLIOGRAFIA √

A. Activa

Annemarie Schwarzenbach - *Auf der Schattenseite* (1990), Regina Dieterle/ Roger Perret (ed.s), Basel, Lenos.

-- "Wir werden es schon zuwege bringen, das Leben". Annemarie Schwarzenbach an Erika und Klaus Mann (1993), *Briefe 1930-1942*, Uta Fleischmann (ed.), Pfaffenweiler, Centaurus.

-- "Offener Himmel über Lissabon ..." (10.4.1941), *Thurgauer Zeitung*.

-- "Rückkehr nach Lissabon (4.6.1941), in *National-Zeitung*.

-- "Lissabon - neues Leben in einer alten Stadt" (19.3.1941), in *National-Zeitung*.

-- "Aequatornähe" (Maio de 1941), não publicado, manuscrito no SLA.

-- "Funchal" (10.9.1941), in *National-Zeitung*.

-- "Schiffs-Tagebuch" (I. 6.10, II. 7.10, III. 14.10, IV. 17.10.1941), in *National-Zeitung*.

-- "Äquator" (19.9.1941), in *Die Weltwoche*.

-- "Begegnung mit dem Dschungel" (5.12.1941), in *Die Weltwoche*.

-- "Kleines Kongo-Tagebuch" (I. 13.4, II. 16.4, III. 20.4.1942 eV. 4.5.1942), in *National-Zeitung*.

-- "Ein Schiff aus Afrika" (26.5.1942), in *National-Zeitung*.

-- "Wiedersichen mit Portugal" (15.5.1942), in *Die Weltwoche*.

-- "Spaziergang in Portugal" (1.6.1942), in *National-Zeitung*.

-- "Marokkanische Erntezeit" (18.6.1942), in *National-Zeitung*.

-- "Eine Mondnacht in der Schellah" (Junho de 1942), in Dieterle/Perret (1990), pp.317-320.

-- "Die Stadt der Quellen und Winde" (21.7.1942), in *Neue Zürcher Zeitung*.

-- "Spanische Zone" (21.7.1942), in *Neue Zürcher Zeitung*.

-- "Der belgische Kongo und der Krieg" (7.8.1942), in *Neue Zürcher Zeitung*.

-- "Kleine Weltreise unter der Flagge Portugals. San Thomé und Madeira, zwei Portugiesische Atlantik-Inseln" (8.8.1942), in *Luzerner Tagblatt*.

-- "Zwischen Afrika und Europa" (12.2.1943), in *Die Tat*.

B. Passiva

Deeg, Stefan (1992), "Das Eigene und das Andere. Strategien der Fremddarstellung in Reiseberichten", in Paul Michel (ed.), *Symbolik von Weg und Reise*, Bern et alii, Peter Lang.

Anónimo (17.1.1941), "Die schweizerische Presse in der Kriegszeit", *Neue Zürcher Zeitung*.

Fell, Karolina (1998), *Kalkuliertes Abenteuer. Reiseberichte deutschsprachiger Frauen (1920-1945)*, Stuttgart/ Weimar, Metzler.

Heintz-Gresser (1999/ 2000), "Die Rolle des Schreibens/der Schrift bei Annemarie Schwarzenbach", in RUNA 28.

>>

H.N. (8.2.1941), "Heiteres Portugal II 'Menschen-Umschlagshafen'", *Luzerner Tagblatt*.

Georgiadou, Areti (1996), *Annemarie Schwarzenbach. Das Leben zerfetzt sich mir in tausend Stücke*, Frankfurt am Main/ New York, Campus.

Kovala, Urho (2001), *Anchorage of meanings. The Consequences of Contextualist Approaches to Literary Meaning Production*, Frankfurt/M et alii, Peter Lang.

Mann, Erika (1991), "In Lissabon gestrandet" (1940). In Claudia Schoppmann (ed.), *Im Fluchtgepäck die Sprache. Deutschsprachige Schriftstellerinnen im Exil*, Berlin, Orlanda Frauenverlag, pp.148-160.

Miermont, Dominique Laure (2004), *Annemarie Schwarzenbach ou le mal d'Europe. Biographie*, Paris, Payot.

Murath, Clemens (1995), "Intertextualität und Selbstbezug – literarische Fremderfahrung im Lichte konstruktivistischen Systemtheorien", in Anne Fuchs/ Theo Harden (ed.), *Modelle der literarischen Erfahrung von den Pilgerberichten bis zur Postmoderne. Tagungsakten des Internationalen Symposiums zur Reiseliteratur, University College Dublin vom 10.-12. März 1994*, Heidelberg, C.Winter Verlag, 3-18.

Opitz, Alfred (1997), *Reiseschreiber. Variationen einer literarischen Figur der Moderne vom 18. – 20. Jahrhundert*, Trier, Wissenschaftlicher Verlag.

Perret, Roger (1988), "'Ernst, Würde und Glück des Daseins'. Nachwort zu ASs *Lyrische Novelle*", in AS, *Lyrische Novelle*, Basel, Lenos, 97-146.

Ridley, Hugh/ Wolf Wucherpfennig (ed.) (2003), *Erinnerungen mit Menschen. Von Leipzig nach Lønstrup*, Dublin, Roskilde.

Rohlf, Sabine (2001), *Exil als Praxis – Heimatlosigkeit als Perspektive? Lektüre ausgewählter Exilromane von Frauen*, München, text + kritik.

Ueckmann, Natascha (2001), *Frauen und Orientalismus. Reisetexte französischer Autorinnen des 19. und 20. Jahrhunderts*, Stuttgart/ Weimar, Metzler.

Vilas-Boas, Gonçalo (2004), "Um olhar suíço sobre Portugal. Annemarie Schwarzenbach em Lisboa em 1941 e 1942", in AS, *Annemarie Schwarzenbach em Portugal (1941, 1942)*, ed. GVB, Coimbra, cadernos do cieq, n.º 11: pp.7-39.

Wanner, Kurt/ Marianne Breslauer (1997), "wo ich mich leichter fühle als anderswo". *Annemarie Schwarzenbach und ihre Zeit in Graubünden*, Chur, Bündner Monatsblatt.

Willems, Elvira (ed.) (1998), *Annemarie Schwarzenbach. Autorin – Reisende – Fotografin*, Pfaffenweiler, Centaurus.